

Ajuda dos EUA gera polêmica

Um terço dos países que recebem auxílio militar comete violações graves dos direitos humanos

DOUGLAS MCMILLAN

Amanhã a Câmara dos Estados Unidos vota o orçamento de um projeto tão rico quanto polêmico: a emenda sobre Assistência Internacional, no valor de US\$ 1,35 bilhão. Por trás do nome inócuo está uma das principais frentes da guerra ao terror. É através desta rubrica que flui grande parte do dinheiro gasto pelos EUA no treinamento dos exércitos de mais de 150 países do mundo. A grande surpresa é

que o relatório anual de Direitos Humanos do próprio Departamento de Estado comprova que mais de um terço desses países – 38%, para ser exato – são responsáveis por brutais violações dos direitos humanos. E a verba que recebem só faz crescer.

Não são violações modestas. Argélia, Ruanda, Arábia Saudita, Uzbequistão e Colômbia, só para ficar em alguns exemplos, têm currículo de violações extenso e notório. Mas a torneira continua aberta.

Nos últimos anos, uma média de 100 mil soldados por ano (parte deles brasileiros, inclusive) recebeu instrução nos seus próprios países ou nos EUA.

“Essas preocupações estão indo pela janela”, diz por telefone ao **JB** Lora Lumpe, autora de um relatório sobre o tema. O documento mostra, em essência, a relação esquizofrênica entre o que se diz e o que se faz em Washington.

O programa do Departamento de Estado é o mais conhecido, mas não o úni-

co. O Departamento de Justiça, o Pentágono e também as diversas agências de inteligência americanas mantêm seus próprios projetos. A maioria das atividades do Departamento de Justiça tem a ver com o combate às drogas, cada vez mais ligado à luta contra as guerrilhas, como na Colômbia. Mas o sigilo em torno das atividades das Forças Armadas e do serviço secreto é infinitamente maior. Geralmente não há qualquer verificação do passado dos alunos,

registro do que está sendo ensinado e, em alguns casos, sequer vestígios da existência do programa.

“Para piorar, não há colaboração entre os diversos comitês do Congresso que seriam responsáveis por acompanhar essas atividades”, diz Lora. “Muitas vezes, no mesmo ano em que se vota ajuda a um país, cria-se outro programa em que não há qualquer entrave”, afirma.

Para os EUA, é uma maneira barata de fortalecer seus laços internacionais. “Para o governo, esses programas são pouco dispendiosos e bastante efetivos diplomaticamente. Já para os alunos, é uma honra ter aulas com o maior Exército do mundo”, diz Lora.

A situação só tende a piorar, com o Executivo pressionando cada vez mais o Congresso para que o deixe escolher livremente seus parceiros na guerra contra o terror. “O problema é que isso já deu errado antes, na Guerra Fria”, afirma Lora, lembrando quem eram os maiores aliados de Washington contra o comunismo na Ásia Central: os afegãos e Osama Bin Laden.

Direitos humanos na mira

Países que recebem treinamento militar dos EUA e, segundo o próprio Departamento de Estado americano, cometem abusos que vão de execuções sumárias a tortura

